# A voragem da expressão

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*
Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Superintendente Administrativo e Financeiro*
William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*
Luís Antônio Francisco de Souza
Marcelo dos Santos Pereira
Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen
Paulo Celso Moura
Ricardo D'Elia Matheus
Sandra Aparecida Ferreira
Tatiana Noronha de Souza
Trajano Sardenberg
Valéria dos Santos Guimarães

*Editores-Adjuntos*
Anderson Nobara
Leandro Rodrigues

Francis Ponge

# A voragem da expressão

Tradução e notas
Jorge Coli

editora
unesp

Título original: *La rage de l'expression*

© 1976 Éditions Gallimard, Paris
© 2024 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

P796v Ponge, Francis

A voragem da expressão / Francis Ponge ; traduzido por Jorge Coli. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Tradução de: *La Rage de l'expression*

ISBN: 978-65-5711-250-2

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Teoria literária. 4. Francis Ponge. 5. Poesia em prosa. 6. Crítica literária. I. Coli, Jorge. II. Título.

CDD 811
2024-2779 CDU 82-1

Editora afiliada:

Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe

Associação Brasileira de Editoras Universitárias

# Sumário


7 . Margens do Loire
11 . A vespa
23 . Notas tomadas para uma ave
41 . O cravo
57 . A mimosa
75 . O pequeno caderno do pinhal
- 77 . A assembleia deles
- 77 . O prazer dos pinhais
- 90 . Formação de um abscesso poético
- 105 . Tudo isso não é sério

117 . Apêndice a "O pequeno caderno do pinhal"
- 119 . I. Páginas bis
- 123 . II. Correspondência

131 . La Mounine ou Notas posteriores sobre um céu da Provença

# Margens do Loire



# Margens do Loire



*Roanne, 24 de maio de 1941*

Que de ora em diante, nada me faça retroceder em minha determinação: não sacrificar o objeto de meu estudo ao destaque de algum achado verbal que eu tenha feito a seu respeito, nem no arranjo em poema de vários desses achados.

Voltar sempre ao próprio objeto, ao que ele tem de bruto, de *diferente*: diferente em particular daquilo que eu já (nesse momento) escrevi dele.

Que meu trabalho seja o de uma retificação contínua de minha expressão (sem preocupação *a priori* da forma dessa expressão) em favor do objeto bruto.

Assim, escrevendo *sobre* o Loire de um lugar nas margens desse rio, ali deverei remergulhar incessantemente meu olhar, meu espírito. Cada vez que ele tiver *embatucado*[1] diante de uma expressão, remergulhá-lo na água do rio.

---

1 Ponge emprega o verbo *sécher* que quer dizer "secar" e também, na linguagem familiar, "ficar sem resposta". Ele põe itálicos na palavra, para assinalar o registro familiar da expressão, e opõe secar e mergulhar. (Salvo quando indicado, as notas são do tradutor.)

Reconhecer o direito maior do objeto, seu direito imprescritível, incompatível com qualquer poema… Nenhum poema está isento de apelo à pena mínima por parte do objeto do poema, nem de queixa por contrafação.

O objeto é sempre mais importante, mais interessante, mais capaz (cheio de direitos): ele não tem dever algum para comigo, sou eu quem tem todos os deveres a seu respeito.

O que as linhas precedentes não dizem o suficiente: *em consequência*, nunca parar na forma *poética* – esta *devendo*, entretanto, ser utilizada num momento de meu estudo porque dispõe de um jogo de espelhos que pode fazer surgir certos aspectos do objeto que permaneceram obscuros. O entrechoque das palavras, as analogias verbais são *um* dos meios de escrutar o objeto.

Nunca tentar *arranjar as coisas*. As coisas e os poemas são irreconciliáveis.

Trata-se de saber se se quer fazer um poema ou prestar contas de uma coisa (com a esperança de que o espírito ganhe nisso, de que ele dê, a seu respeito, algum passo novo).

É o segundo termo da alternativa que meu gosto (um gosto violento das coisas, e dos progressos do espírito) me faz escolher sem hesitação.

Minha determinação está tomada, portanto…

Pouco me importa depois disso que se queira chamar poema aquilo que vai resultar. Quanto a mim, a menor suspeita de ramerrame poético me adverte apenas que estou entrando na ciranda, e provoca o arranque para sair dela.

# A VESPA



*A Jean-Paul Sartre*
*e Simone de Beauvoir*

# A vespa

Himenóptero de voo felino, dúctil – aliás, de aparência tigrada –, cujo corpo é muito mais pesado do que o do mosquito e as asas, no entanto, relativamente menores, mas vibrantes, e sem dúvida muito intensificadas, a vespa vibra a cada instante vibrações necessárias à mosca que se acha numa posição ultracrítica (para se livrar do mel ou do papel mata-moscas, por exemplo).

Ela parece viver num estado de crise contínua que a torna perigosa. Uma espécie de frenesi ou de desatino – que a torna tão brilhante, zumbidora, musical, quanto uma corda muito retesa, muito vibrante e, portanto, queimante ou picante, o que torna seu contato perigoso.

Ela bombeia com fervor e arranques. Na ameixa violeta ou caqui, é bonito de ver: de verdade, um pequeno aparelho extirpador particularmente aperfeiçoado, no ponto. Por isso, não é o ponto formador do raio de ouro que amadurece, mas o ponto formador do raio (de ouro e de sombra) que conquista o resultado do amadurecimento.

Melada, soalheira; transportadora de mel, de açúcar, de calda; hipócrita e hidromélica. A vespa na beirada do prato ou da xícara mal enxaguada (ou do vidro de geleia): uma atração irresistível. Que tenacidade no desejo! Como são feitas uma para a outra! Uma verdadeira magnetização de açúcar.

*

Analogia da vespa e do bonde elétrico. Algo de mudo no repouso e de cantador quando em ação. Algo também de um trem curto, com primeiras classes e segundas, ou antes, locomotiva e vagões abertos. E trole crepitante. Crepitante como uma fritura, uma química (efervescente).

E se toca, pica. Bem diferente de um choque mecânico: um contato elétrico, uma vibração venenosa.

Mas seu corpo é mais mole – quer dizer, em suma, mais finamente articulado – seu voo mais caprichoso, imprevisto, perigoso do que o andamento retilíneo dos bondes determinado pelos trilhos.

*

Um pequeno sifão ambulante, um pequeno alambique com rodas e com asas como aquele que se desloca nos campos, de chácara em chácara, durante certas estações do ano, uma pequena cozinha voadora, um pequeno veículo da limpeza pública: a vespa se parece, em suma, com esses carros que se alimentam a si próprios e fabricam alguma coisa durante o caminho, tanto que a aparição deles comporta um elemento certo de maravilhoso, porque sua razão de ser não é apenas se deslocar, ou transportar, mas eles têm uma atividade íntima,

geralmente bastante misteriosa. Bastante complexa. É o que se chama ter uma vida interior.

… Um caldeirão voador de geleias, hermeticamente fechado, mas mole, o traseiro pesado, basculante ao voar.

*

Era bem necessário, para classificar as espécies, tomá-las por algum lugar, parte ou membro, e ainda por um lugar bem solidamente amarrado a elas para que não se separe delas a não ser quando é apreendido, ou que, separando-se permita pelo menos, por si só, de reconhecê-las. Por isso, escolheu-se a asa dos insetos. Talvez com razão, não sei nada a respeito, e não juraria de jeito nenhum.

*Himenóptero*, seja como for, a propósito das vespas, não é tão ruim. Não que o hímen das mocinhas se pareça muito, a bem dizer, com a asa das vespas. Aparentemente por outras razões: aí está uma palavra abstrata, que retira o que tem de concreto de uma língua morta. Pois bem, na medida em que o concreto é um abstrato naturalizado, diafanizado – ao mesmo tempo afetado e tenso, pretensioso, doutoral –, está aí o que convém bastante às asas das vespas…

… Mas não avançarei muito mais longe nessa direção.

*

O que me dizem? Que ela deixa seu dardo em sua vítima e que morre disso? Seria uma boa imagem para a guerra que não compensa.

Ela precisa, então, evitar todo contato. No entanto, quando o contato ocorre, a justiça imanente fica então satisfeita: pela

punição das duas partes. Mas a punição parece mais severa para a vespa, que morre sem remédio. Por quê? Porque cometeu o erro de considerar o contato como hostil, e imediatamente se pôs numa ira defensiva, foi que ela feriu. Demonstrando uma suscetibilidade exagerada (por consequência do medo, da sensibilidade excessiva sem dúvida… mas, para as circunstâncias atenuantes, ai! – já é muito tarde). É, portanto, evidente, repitamos, que a vespa não tem interesse algum em encontrar um adversário, que ela deve, antes, evitar todo contato, fazer desvios e ziguezagues necessários para tanto.

*

"Eu me conheço", ela diz para si mesma: "se eu me entrego, a menor disputa se tornará algo de trágico: não me conhecerei mais. Entrarei num frenesi: vocês me enojam demais, vocês são diferentes demais de mim.

"Só conheço os argumentos extremos, as injúrias, os golpes – o golpe de espada fatal.

"Prefiro não discutir.

"Estamos muito longe da conta.

"Se porventura eu aceitasse o menor contato com as pessoas, se um dia eu fosse obrigada à sinceridade, se eu precisasse dizer o que penso!… Eu deixaria nisso a minha vida junto com a minha resposta – meu dardo.

"Então, que me deixem tranquila; eu suplico: não vamos discutir. Deixem-me no meu ramerrão, fiquem com os de vocês. Na minha atividade sonambúlica, na minha vida interior. Adiemos tanto quanto possível qualquer explicação…"

Nisso, ela recebe um tapinha – e cai imediatamente: agora é só esmagá-la.

*

Suscetível também, talvez, por causa do caráter tão precioso, precioso demais, da carga que ela leva embora: que *merece* seu frenesi.

… Da consciência de seu valor.

*

Mas esse estupor que pode perdê-la (um tapa, e ela cai por terra) pode também, se não a salvar, pelo menos prolongar curiosamente sua vida.

A vespa é tão estúpida – digo isso em bom sentido – que, se a cortamos em dois, ela continua a viver, leva dois dias para compreender que está morta. Continua a se agitar. Ela se agita mesmo mais do que antes.

Eis o cúmulo da estupefação *preventiva*. Um cúmulo também no desafio.

*

*Enxame*: de *exagmen*, de *ex agire*: empurrar para fora.

*

Frenética talvez por causa da exiguidade de seu diafragma.

(Sabe-se que entre os gregos o pensamento tinha sua sede no diafragma… e que a mesma palavra designava as duas coisas: φρήν, justamente.)

*

Por que, de todos os insetos, o mais ativo é aquele com as cores do sol?

Por que também os animais tigrados são os mais cruéis?

*

*A vespa e o fruto.*

Transporte de polpa beijada, magoada, danificada, contaminada, mortificada pela demasiado brilhante dourada-negra, cigana, don-juana.

Integridade perdida pelo contato de um visitante brilhante demais. E não apenas a integridade – mas a própria qualidade daquilo que permanece.

Entre os pássaros e os frutos não há esse amor-ódio, essa paixão. A carne dos frutos conserva uma bela indiferença, encetada pelo pássaro. Entre eles há indiferença. O pássaro é apenas um agente físico.

Mas dos insetos aos frutos, quantos efeitos profundos, quanta química, quantas reações! A vespa é um agente físico-químico. Ela precipita a pós-maturação, a decomposição da polpa vegetal, que aprisionava a semente.

*

A ameixa diz: "Se o sol me dardeja com seus raios, eles douram minha pele. Se a vespa me dardeja com seu aguilhão, ele magoa minha carne".

*

Sempre enfiada na nectaroteca: cabeça vibrante, bombeando com fervor, e arranques.

Espécie de seringa para ingurgitar o néctar.

*

*De início, o braseiro.*

Que a vespa saia da terra, e tão vibrante, tão perigosa, isso não é indiferente ao homem, porque ele reconhece nela a perfeição do que tenta em outros modos com suas grandes garagens, seus aeródromos.

Ali há como que um braseiro cujas fagulhas espirram longe, com trajetórias imprevistas.

Elas decolam de seus aeroportos subterrâneos… Ofensivas, ofensoras.

A palavra *dínamo*.

Elas saltam às vezes como se não pudessem dominar seus motores.

… De início, o braseiro cintilante, crepitante, em seguida os voos acontecem, voos que duram, com ofensivas precipitadas de vez em quando, mergulhos silenciosos nas polpas, onde a vespa cumpre seu dever – quer dizer, seu crime.

*

*O enxame de palavras justas, ou vespeiro*.

Alto lá!… Esse deplorável crepitar da fenda, não é a sedição de uma seita de sementes, alvoroçadas contra o semeador? – Sim, a fúria delas primeiro as conduz à sua plataforma.

Não! Para trás! Existe aí como que um braseiro, cujas fagulhas espirram longe, com trajetórias imprevistas… Vejo nisso a perfeição daquilo que se tenta em outros lugares com essas grandes garagens, esses aeródromos. Mas vejamos melhor.

*Ai!* Oh natural fervor alado! É seu povo reunido que crepita, na preparação de um motim ofensivo. Sim, dardeje-me… Mas eis que a animosidade delas já se dissipa em voltas furiosas…

*

Um bárbaro enxame percorre o campo. O jardim é percorrido por ele.

*

*Bala de fuzil.*

É também como uma bala de fuzil, mas em liberdade, mas mole, que vagueasse. De aparência indolente, ela reencontra por momentos sua virtude e sua decisão – e se precipita para o seu objetivo.

É como se, saindo do bacamarte, os projéteis sentissem um brusco encantamento que os leva a esquecer suas primeiras intenções, seu motivo, seu rancor.

Como um exército que tivesse sido comandado para ocupar rapidamente os pontos estratégicos de uma cidade, e que, desde a entrada, se interessasse pelas vitrines, visitasse os museus, bebesse nos canudinhos dos fregueses em todos os terraços dos cafés.

*

Como balas também, com pequenos golpes pensativos, ela criva as paredes verticais de madeira carcomida.

*

*Forma musical do mel.*

Pode-se ainda dizer que a vespa é a forma musical do mel. Quer dizer, uma nota maior, com sustenido, insistente, começando baixinho, mas difícil de largar, pegajosa, clara, com alternâncias de força e de fraqueza etc.

*